

DESENVOLVIMENTO DO PENSAR NA PRIMEIRA INFÂNCIA: DO ZERO AOS TRÊS ANOS

DEVELOPMENT OF THINKING IN FIRST CHILDHOOD: FROM ZERO TO THREE YEARS

Arthur Yutaka Shimabukuro 

Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL
Florianópolis, SC, Brasil
arthuryuta@hotmail.com

Claudia de Jesus Tietsche Reis 

Universidade do Sul de Santa Catarina, UNISUL
Florianópolis, SC, Brasil
claudia.tietsche@gmail.com

Resumo. Este artigo, de abordagem qualitativa, objetivou investigar como se desenvolve a base do pensar na primeira infância, especificamente de zero a três anos, por meio da trimembrança antroposófica - Andar, Falar e Pensar e sua relação com os dados encontrados por revisão bibliográfica a partir das bases: ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Foram descritos os passos fisiológicos que a criança conquista desde o nascimento até a formação do pensamento, estruturados a partir do andar ereto e do desenvolvimento da linguagem. Concluiu-se que a interação entre os espaços físicos para o andar e as pessoas do convívio da criança para o falar, determina como suas habilidades serão aprimoradas para a conquista do pensar.

Palavras chave: primeira infância; 0 a 3 anos; desenvolvimento do pensar.

Abstract. This article, with a approach qualitative, aimed to investigate how the basis of early childhood thinking is developed, specifically from zero to three years, through the anthroposophical threefolding - Walking, Speaking and Thinking and its relationship with the data found by bibliographic review from the bases: ANPED (National Association of Postgraduate and Research in Education) and CAPES (Coordination for Improvement of Higher Education Personnel). The physiological steps that children conquer from birth to the formation of thought, structured from the erect walk and the development of language, have been described. It was concluded that the interaction between the physical spaces for walking and the people of the child's conviviality to speak, determines how their abilities will be improved for the achievement of thinking.

Keywords: early childhood; 0 to 3 years; development of thinking.

INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, houve uma grande transformação no desenvolvimento dos primeiros sete anos de muitas crianças, a partir de uma grande mudança em seus ambientes de brincadeira, longe da natureza, do contato com a terra ou simplesmente dos espaços ao ar livre. Atualmente, grande parte das crianças passam horas em ambientes fechados, com espaços reduzidos para se moverem e controlados pela televisão, pelo computador e jogos eletrônicos que forçam a criança ao sedentarismo (MCALLEN, 2005).

Os cuidados com o ambiente e as atividades durante a primeira infância atuam no comportamento da vida adulta. Reconhece-se cada vez mais que o movimento corporal da criança pequena é a base para o aprendizado intelectual posterior (CLOUDER; NICOL, 2008). Muitas patologias e distúrbios poderiam ser evitados com um cuidado e uma educação atenta à essa etapa da vida humana (LOPEZ, 2010).

Os bebês de zero a três anos, por meio de suas vivências com cores, gestos, sons, expressões e uma capacidade ilimitada de imitar, estão despertando seus primeiros sentidos que servirão como referência durante toda a sua vida (CLOUDER; NICOL, 2008). Andar e falar, não são meros atributos físicos que uma criança adquire naturalmente, mas grandes passos em seus aprendizados, pois servem de fundamentos para o seu relacionamento com os outros seres humanos. Estudos na área da Sociologia da Infância dão visibilidade à esta faixa etária como protagonista para a construção social da vida adulta (SOUZA, 2007).

Na visão antroposófica, o brincar livre, do zero aos três anos, é uma atividade muito séria, assim como o trabalho para o adulto, pois é durante o brincar que a criança faz movimentos pequenos, de dentro para fora, potencializando seus processos de criação, e movimentos grandes, de fora para dentro, de abertura para a natureza, expandindo suas relações. Ao brincar, as crianças conhecem seu próprio corpo, conquistam sua posição ereta - seu andar, falar e pensar; desenvolvem sua motricidade, sua linguagem e sua imaginação (KÖNIG, 2011).

A Antroposofia, que embasou este artigo, é traduzida como uma Ciência Espiritual, que defende a ciência natural vinculada à realidade espiritual. Ela visa agir diretamente na vida, com atuação artística, social e científica. É uma ciência que ultrapassa os limites com os quais até agora esbarrou a ciência comum. Ela procede cientificamente pela observação, descrição e interpretação dos fatos. Com efeito, ela admite e reconhece todas as descobertas das ciências naturais comuns, embora as complete e interprete com suas

descobertas. Sobretudo, tem feito muitas contribuições e inovações concretas e positivas na vida prática, as quais existe uma abundante literatura na medicina, na farmacologia, na pedagogia, nas artes, nas ciências naturais e na agricultura.

Portanto, o tema desta pesquisa surgiu da contextualização do desenvolvimento na primeira infância e o que o ambiente e as relações sociais nesta fase podem influenciar na cognição da vida adulta; uma vez que, segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), estudos retrospectivos sinalizam os impactos causados na primeira infância, pelo ambiente físico restrito, angústia familiar, situações de conflito e desempenho social inadequado, como marcadores precoces de transtornos mentais no adulto.

Consequentemente, o presente estudo buscou investigar como se desenvolve a base do pensar na primeira infância, especificamente de zero a três anos, por meio da trimembração antroposófica - Andar, Falar e Pensar e sua relação com os dados encontrados a partir das bases: ANPED (Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação) e periódicos CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

MATERIAS E MÉTODO

A pergunta que norteou este artigo foi: como se desenvolve a base do pensar na primeira infância, de zero a três anos, por meio da trimembração antroposófica: Andar, Falar e Pensar e sua relação com os dados encontrados? Optou-se metodologicamente por uma abordagem qualitativa segundo Lüdke e André (2011).

A partir da revisão bibliográfica foram selecionados livros e artigos que dialogassem com os fundamentos da trimembração antroposófica: andar, falar e pensar. Ao relacionar artigos de pesquisas aplicadas, possibilitou-se conhecer outras abordagens para a temática - ora priorizando o ambiente físico, ora o contexto interativo humano - e integrar este conhecimento aos princípios antroposóficos.

Para a seleção dos artigos, realizou-se uma busca nas bases de dados: ANPED e Periódicos CAPES; com os descritores e suas combinações na língua portuguesa: “primeira infância”, “0 a 3 anos” e “desenvolvimento do pensamento”. Os critérios de inclusão definidos para a seleção dos artigos foram: artigos publicados em português; artigos originais na íntegra que retratassem o desenvolvimento do pensar na primeira infância; artigos de pesquisas aplicadas e artigos publicados e indexados nos bancos de dados referidos, disponíveis on-line e gratuitamente nos últimos cinco anos. Como critérios de exclusão foram adotados artigos que fossem duplicados e do tipo revisão.

RESULTADOS

Os principais autores antroposóficos selecionados para discussão foram: Schoorel, König, Lanz, Burkhard e Lievegoed. Quanto aos artigos das bases de dados, sete se enquadraram nos critérios:

Base de dados	Título	Autores	Periódicos
ANPED	1 A Constituição da Linguagem entre os e dos bebês no espaço coletivo da Educação Infantil	CASTRO, J.	36ª Reunião Nacional da Anped, Goiânia, 2013
	2 As Relações Sociais dos bebês na creche: um estudo numa perspectiva sociológica	COUTINHO, A.	36ª Reunião Nacional da Anped, Goiânia, 2013
CAPES	3 Avaliação das oportunidades de desenvolvimento motor na habitação familiar de crianças entre 18 e 42 meses	GIORDANI, L. ALMEIDA, C. PACHECO, A..	Motricidade, Vol.9, n. 3, p. 96-104, 2013.
	4 Contexto dos berçários e um programa de intervenção no desenvolvimento de bebês	ALMEIDA, C.S. VALENTINI, N.C.	Motricidade, Vol.9, n. 4, p. 22-32, 2013.
	5 Desenvolvimento da linguagem na primeira infância e estilos linguísticos dos educadores	OLIVEIRA, K. BRAZ-AQUINO, F. SALOMÃO, N.	Avances en Psicología Latino americana Vol. 34, n. 3, p. 457-472, 2016.
	6 Fatores preditores do perfil sensorial de lactentes dos 4 aos 18 meses de idade	PEDROSA, C. CAÇOLA, P. CARVALHAL, M.	Revista Paulista de Pediatria, Vol. 33, n. 2, p. 160-166, 2015.
	7 Perfil do desenvolvimento neuropsicomotor e aspectos familiares de crianças institucionalizadas na cidade do Recife	LIMA, A. K. LIMA, A.	Revista CES Psicología Vol. 5, n. 1, p. 11-25, 2012.

Quadro 1. Artigos selecionados a partir dos descritores, nas bases de dados ANPED e CAPES

DISCUSSÃO

Neste início de discussão, descreve-se o desenvolvimento neurofisiológico desde o primeiro momento de formação do feto até a maturação completa do encéfalo, para que a criança possa conquistar as etapas seguintes de seu crescimento.

Para a Antroposofia, bem antes do nosso nascimento, a individualidade escolhe os pais que nos darão a massa hereditária adequada para o desenvolvimento de nosso corpo e a realização da nossa missão biográfica, tudo que nos propormos a realizar prospectivamente. A individualidade começa a penetrar no corpo biológico por volta da terceira semana e a partir deste momento começa a moldar suas características individuais (BURKHARD, 2010).

Com o encontro entre o gameta masculino e o feminino, através do pulso da criação, o sistema nervoso começa a se estruturar na extremidade cefálica, a partir do tubo neural primitivo, que se desenvolve até a formação do córtex, sendo essa, a grande aquisição dos mamíferos em comparação com outros animais inferiores (peixes, anfíbios, répteis) que desenvolvem apenas as primeiras porções do encéfalo. No processo de formação do ser humano (embriogênese), recapitula-se todas as fases dos seres que evolutivamente nos precederam (filogênese) (BLANCO, 1997).

O feto conserva um potencial que pode se denominar “equador” que se divide em dois pólos, um cefálico-cósmico e outro membro-terreno. As partes fechadas do corpo remetem ao passado, é dentro da cabeça que toda a retrospectiva biográfica é configurada, que se apresenta pela forma do pensar. As formas abertas se conectam ao futuro, os membros permitem a movimentação do corpo físico e, portanto, a atitude prospectiva (BLANCO, 1997).

Segundo McAllen (2005 p. 25), “o primeiro acordar do corpo físico, a primeira experiência que o bebê tem da impressão da sua geografia corporal ocorre quando ele deixa o útero e inicia a jornada pelo canal do nascimento”. Os músculos da mãe capturam o bebê em movimentos de contração e expansão e em um ritmo de massagem, os nervos de todo o corpo são estimulados, tendo como foco o tronco cerebral. Neste momento do trabalho de parto, a totalidade dos sentidos da mãe é coordenada para o momento supremo em que o ar adentra os pulmões e o bebê respira (MCALLEN, 2005).

Nesta primeira respiração com a força do primeiro choro, o sangue é forçado, pela primeira vez, a fluir pela bolsa anteriormente murcha, dos alvéolos pulmonares. Junto a esta expansão dos pulmões ocorre o fechamento da cavidade entre as duas câmaras do coração (forâmen oval), os três vasos no cordão umbilical são lacrados e todos os órgãos da parte inferior (fígado, baço e rins) são ativados junto com os reflexos do recém-nascido (MCALLEN, 2005).

Segundo Burkhard (2010), o recém-nascido passará pelo processo de reestruturação das substâncias e de individuação somática. Quer dizer que as proteínas formadas pela mãe serão eliminadas pelo organismo para que novas substâncias produzidas por ele, possam fortalecer a estrutura de sua própria individualidade e o oriente nesta nova etapa.

Para Lievegoed (2002), após o parto, a percepção da criança é a função mais importante, caracterizada por sua total entrega ao mundo ao seu redor. Ao longo do primeiro setênio a criança se relaciona com o meio externo por meio de seus sentidos, é totalmente um órgão perceptivo e sensorial, que se aprimora a cada ano de vida, tornando-se mais consciente.

Durante a primeira infância, ocorre a estruturação do sistema neurossensorial, principalmente os órgãos da cabeça, do sistema nervoso central e dos órgãos dos sentidos. O organismo da criança é estruturado e constrói sua forma a partir do sistema nervoso (BURKHARD, 2010). A cabeça é a parte mais desenvolvida da criança, geralmente é a primeira que aponta para fora na hora do parto e a primeira que se levanta da posição horizontal para a posição vertical (BLANCO, 1997).

A partir do nascimento inicia-se o caminho até a conquista da postura ereta, da mesma forma que o funcionamento dos órgãos nervosos vão despertando e se desenvolvendo à medida que se adquire certas habilidades. Nos primeiros dois meses, inicia-se a fase do peixe. Esta é a fase dos movimentos reflexos do tronco. “Para este tipo de movimento usamos apenas as regiões inferiores do sistema nervoso, principalmente a medula. Ondulamos no berço como os peixes na água” (BLANCO, 1997, p. 76).

Entre os dois meses e meio aos quatro meses ocorre a fase do rastejar, conhecida como fase da salamandra onde “nós nos locomovemos com padrão homolateral” (BLANCO, 1997, p.76), isto é, o braço direito avança simultaneamente com a perna direita assim como a perna esquerda com o braço esquerdo. “Rastejamos nos lençóis do nosso berço semelhante a como fazem as salamandras nas poças claras d’água” (BLANCO, 1997, p.76). Neste movimento é estimulado a protuberância anular ou também chamada ponte.

Entre os sete e os dez meses é ativado no cérebro a região do mesencéfalo, responsável pela locomoção. Nesta fase começa o engatinhar, alternando a mão direita com a perna esquerda e a mão esquerda com a perna direita. Todos os animais que exploram a terra têm como base este padrão cruzado, em alguns menos desenvolvidos como em sapos, e outros com movimentos precisos como em gatos (BLANCO, 1997).

Todas estas etapas são necessárias para se conquistar a postura vertical por volta de doze meses. Esta posição autenticamente humana é adquirida no momento em que o córtex primário está pronto, então se iniciam os primeiros passos com movimentos desequilibrados e desajeitados até se adquirir a lateralidade definitiva quanto aos pés, mãos, olhos e ouvidos preferenciais, por volta dos sete anos. Nesta idade alcança-se a maturidade neurológica devido a maturação do córtex requintado (BLANCO, 1997).

Estágio Neural	Idade	Mobilidade	Linguagem
Medula Espinhal	0 a 2 meses	Movimento reflexo (sem deslocamento)	Choro normal
Ponte	2,5 a 4 meses	Rastejar como resposta	Choro vital
Mesencéfalo	7 a 10 meses	Engatinhar	Sons significativos
Córtex Inicial	12 meses	Andar primário	Duas palavras com sentido
Córtex Requintado	6 anos	Uso da perna dominante	Vocabulário completo

Quadro 2. Etapas da aquisição do andar e da linguagem segundo Blanco (1997, p.77).

Com esta organização neurológica e coordenação motora global desenvolvida no primeiro ano, será permitido a aquisição da fala no segundo ano, desenvolvendo agora os órgãos fonoarticulatórios e, conseqüentemente, o pensar no terceiro ano de vida. Segundo König (2011), nos três primeiros anos a criança adquire o tripé básico que a sustentará durante toda a vida: o andar, o falar e o pensar. O querer, o sentir e o pensar são gradativamente conquistados e aprimorados junto a este tripé, servindo de base para todos os anos vindouros.

ANDAR PARA FALAR

A capacidade de movimentar-se é inata às crianças desde que chegam ao mundo, porém muitos desses movimentos inconscientes são acidentais, descoordenados e alguns reflexos. É quando a criança começa a perceber seus próprios movimentos e, conseqüentemente, a atividade caótica de seus braços e pernas se acalmam, que o sentido do movimento inicia seu desenvolvimento. Este sentido requer repouso e imobilidade, pois este estado leva à percepção de seus próprios movimentos (SCHOOREL, 2013).

No momento em que o bebê sorri pela primeira vez, com algumas semanas de vida, mostra que, até certo nível, seus movimentos caóticos internos se acalmaram. A partir deste repouso, ele desperta para sua realidade e junto a este momento sereno, identifica sua mãe, como parte de sua extensão (SCHOOREL, 2013).

O recém-nascido começa a coordenar seus primeiros movimentos oculares, estabelecendo seu primeiro ponto de apoio entre a alma e o meio ambiente. A primeira sensação, ainda nebulosa, de “ali” em oposição a “si mesmo” começa no olhar. É por este meio que o bebê começa a tatear o mundo que aos poucos se apresenta. Conforme o olhar vai se fixando, a cabeça se sobressai como um órgão direcional, movendo-se ao encontro da luz, cor, cheiro e som do ambiente exterior (KÖNIG, 2011).

Para a criança aprender a andar é necessário o desenvolvimento do córtex primário que permite o andar ereto e cruzado no primeiro ano de vida. Ocorrem dois processos simultaneamente nesta etapa do desenvolvimento, o primeiro movimento do recém-nascido é conquistar a posição ereta, que ocorre de baixo para cima e para chegar nesta posição o bebê precisa ter passado por fases anteriores como ficar de bruços, sentar e ficar em pé. O segundo movimento que ocorre de cima para baixo, simultaneamente, é o de mover-se para frente. Primeiro a criança começa a controlar seu olhar, criando tônus para equilibrar a cabeça, depois aponta e pegar os objetos, logo já começa a se arrastar, rolar e engatinhar até culminar os primeiros passos (SCHOOREL, 2013).

Schoorel (2013) aborda que cada criança tem seu jeito específico de alcançar sua posição ereta, alguns mesmo antes de conseguir manter seu equilíbrio fazem o movimento para erguer-se e ficar de pé; outros permanecem um tempo de bruços, engatinham para frente como tigres, não rastejam e já buscam se erguer; outros ainda conquistam o engatinhar com muita eficiência mas adiam seus esforços para andar; e outros permanecem longos tempos deitados de costas.

König (2011, p.26) revela que “é a força solar que ergue o corpo do homem para que ele possa caminhar eretamente sobre a Terra”. A força solar desperta na criança a confiança e vontade de explorar e conhecer

o mundo, encorajando-a a se desligar da íntima envoltura do meio ambiente maternal e conquistar seu andar ereto. Isto só é possível quando a criança pôde experimentar polaridades como: acima e abaixo, perto e longe; apalpou superfícies redondas e angulosas e, no próprio olhar, diferenciou o que estava aqui do que estava ali.

A expressão de leveza nos movimentos da criança dá a ela a sensação de liberdade que pode ser bem explorada quando o sentido do movimento e a motricidade estão bem desenvolvidos para a percepção do movimento. Este amadurecimento ocorre graças aos nervos motores, que trazem consciência às percepções motoras e aos órgãos sensórios do movimento, localizados nos músculos, ligamentos e tendões (SCHOOREL, 2013).

Crianças que tiveram alguma dificuldade no nascimento, ocasionando algum impedimento para se movimentarem livremente, podem apresentar duas formas de desafios. Uma que leva os músculos a não colaborarem com sua vontade, dando a sensação de aprisionamento dentro de seu próprio corpo, pois a sensação de liberdade não despontou; e a outra, quando o tônus muscular não é suficiente, hipotônico, e, fisiologicamente, remete a sensação de estar frouxo dentro do corpo. Em cada uma das situações, a vontade não está livre, gerando impotência e, conseqüentemente, desânimo e resignação (SCHOOREL, 2013).

O corpo participa por inteiro em todos os movimentos que faz. Quando um membro se move, o outro participa, de forma que este movimento seja possível através de um repouso ativo. Tão essencialmente quanto às pernas para andar, os braços participam simultaneamente do mesmo movimento, assim como os músculos das costas e do peito estão intimamente ligados com os movimentos do globo ocular (KÖNIG, 2011).

A partir da afirmação de Schoorel (2013) sobre os primeiros passos das crianças ser com a inspiração presa, é possível relacionar a expiração como momentos de pausa em que as crianças observam para onde darão os próximos passos. Portanto, a respiração sustenta a criança pequena, pois, ou ela está em repouso tendo percepções, ou se movimenta ativamente, de preferência de forma livre.

A consciência da necessidade de uma intervenção individualizada que garanta o brincar livre é capaz de favorecer o desenvolvimento integral das crianças, uma vez que “desafiar a cognição e a motricidade de bebês, possibilita o aumento das interações sociais e conseqüente desenvolvimento adequado” (ALMEIDA; VALENTINI, 2013, p.31). Giordani e col. (2013) ressaltam a importância da interação dos bebês com os pais por meio de brincadeiras que estimulem o alcançar e agarrar e a participação em jogos de imitação, permitindo movimentos livres.

É necessário que no espaço oferecido, o ambiente estimule e motive as brincadeiras criadas pelas crianças. Os adultos “devem apenas assegurar uma atmosfera em que a criança se sinta segura, amada e não reprimida por demandas externas, para que sua imaginação sem limites possa reinar totalmente” (CLOUDER; NICOL, 2009, p. 9). KÖNIG (2011) retrata que a criança se torna mais consciente ao aprender a andar, pois é levada a perceber o ambiente como algo “lá fora”. Este processo teve início no despertar da visão, logo surgiu o manejo das mãos, até culminar o primeiro passo dos pés, possibilitando assim, a percepção de si mesmo no final do primeiro ano.

O convívio social, associado a uma intensa estimulação para o brincar livre, relativiza as condições socioeconômicas familiares que interferem nos espaços físicos internos e externos disponíveis às crianças; independe do valor dos brinquedos, ou do tamanho do espaço, mas sim, das possibilidades desafiadoras oferecidas para o desenvolvimento motor. KÖNIG (2011, p.45) define que “a razão de todo brincar é que, brincando, a criança cria o mundo sem fazer parte deste, por ser o criador e, como tal, poder distinguir-se de sua criação.

Lima e Lima (2012) complementam que para o desenvolvimento motor amplo, relacionado ao controle motor corporal, como sentar, andar, pular e movimentos musculares amplos e gerais necessita de um ambiente físico desafiador, em que se possa subir, descer, trepar, escorregar e ultrapassar. Portanto, a intervenção do adulto é necessária, porém com o objetivo de permitir que o brincar livre dos e entre os bebês aconteça.

Segundo Pedrosa e col. (2015) o contexto ambiental e as práticas propostas diferem entre si, de acordo com as expectativas dos pais, dos educadores e do grupo etário do qual as crianças pertencem. Todas as crianças nascem capacitadas para o desenvolvimento de diversas habilidades sensório-motoras, que lhes permitem atingir controle sobre seus corpos, movimentos e emoções, porém são os desafios propostos a elas que estimulam este desenvolvimento.

A força da vontade conduz os movimentos da criança que exterioriza seu mundo interior, sem barreiras nem inibições. Tão imediato quanto seu querer, de dentro para fora, são suas reações às impressões, de fora

para dentro. Naturalmente os bebês expressam “seus gestos, sua mímica, a passagem instantânea do choro ao riso e vice-versa, o prazer de correr, de subir em árvores, de escorregar” (LANZ, 2003, p.44).

Através desta força irresistível de impulsos descontrolados, a criança exercita incansavelmente seu sistema motor, desde que estejam disponíveis espaços físicos desafiadores, como árvores para subir, brinquedos para escalar, natureza para interagir. O ideal seria que os adultos que convivem com esta faixa etária conduzissem para que esta vontade, ainda caótica, estabelecesse um ritmo, que pouco a pouco, semelhante às batidas do coração, criasse uma regularidade rítmica, uma rotina. Isto estabelece limites, respeita a sabedoria biológica do corpo e faz com que as crianças saibam os momentos de brincar, os horários das refeições, das pequenas cerimônias e de dormir; afinal, cada criança já possui, em sua natureza, potencial genético para aprender o que ela precisa, se ela tiver esta organização em seu ambiente, o desenvolvimento de suas habilidades estará assegurado.

FALAR PARA PENSAR

A base para que o sentido da linguagem ou da forma se desenvolva é estabelecida quando a criança desenvolve livremente o sentido do movimento em seu próprio tempo. No primeiro choro, a vida do organismo da linguagem tem início; porém, a fala necessita da maturação do órgão fonador, conquistada pela aquisição do andar. Crianças que apresentaram alguma dificuldade no desenvolvimento da motricidade podem encontrar problemas na fala, pois a organização motora atua como uma caixa de ressonância para o falar (SCHOOREL, 2013).

A partir do momento que a criança consegue ouvir seus próprios sons, ela cumpre o pré-requisito para se tornar silenciosa e, como consequência deste estado, pode começar a falar sem impedimentos. A respiração é responsável por funções fisiológicas, assim como pela fala. O inspirar é o silêncio do ouvir e na força da expiração atua um processo de criação que ganha movimento, som, significado e volume, expresso pelo diafragma (SCHOOREL, 2013).

É por meio dos movimentos dos lábios e das bochechas, junto ao fluxo de ar expirado, que são produzidas as primeiras formas de sons. Segundo König (2011), por volta dos oito meses o bebê começa a balbuciar e é exercitando os sons que sua capacidade de perceber formas e entoar palavras se desenvolve. Através do balbuciar, o bebê exercita os músculos de seu aparelho motor, nele não estão contidas palavras, apenas formações de caráter silábico.

Bebês nascidos surdos balbuciam da mesma forma dos que ouvem. O importante para o desenvolvimento das capacidades cognitivas posteriores é a clareza dos gestos e os atos executados, de acordo com aquilo que se quer informar à criança. O ato de balbuciar é o preparo para a língua materna, esta etapa pertence ao desenvolvimento fisiológico natural, independente da nacionalidade (KÖNIG, 2011).

Neste âmbito, quando a criança se depara com um nome desconhecido compõe e modifica as palavras já conhecidas de suas experiências verbais e sensoriais. Ela é capaz de improvisar muitas palavras a partir de uma pergunta como por exemplo, qual o nome de seu cachorro? No primeiro momento pode denominar Bingo, depois Kimbo, logo Kinho (KÖNIG, 2011). Não é o pensar que rege estes momentos, mas as forças que plasmam a linguagem que se expressam através da criança, assim como a corrente da respiração, disponível a todos, a linguagem segue suas próprias modalidades e leis.

Para a criança adquirir a compreensão de sua língua materna é necessário que passe pelas etapas do “dizer”, “denominar” e “conversar”. No “dizer”, a criança expressa a si mesma, suas aspirações e o que vivencia no mundo, utilizando uma linguagem bem primitiva, balbuciando em seu primeiro ano de vida. No “denominar” as palavras ainda estão embaralhadas, mas começam a se organizar em substantivos, adjetivos e verbos, uma linguagem de imitação em seu segundo ano de vida. O “conversar” atrela-se ao desenvolvimento do pensar e depende do exercício do dizer e denominar (KÖNIG, 2011).

Assim, após cumprida todas as etapas do andar, a criança pode exercitar o correr, o pular, escalar, dançar, buscando explorar o ambiente. Na fala começa a ocorrer algo semelhante, logo o impulso de relatar traz consigo a capacidade de desdobrar, flexionar e transformar as palavras. O substantivo pode estar no singular ou plural; o verbo oferece o tempo por se conjugar no passado, presente ou futuro; e adjetivos, preposições e artigos aprimoram a prática da linguagem.

Mais uma vez a imitação promovida pela interação social se faz necessária, diferentemente do andar em que a imitação era visual, para a aquisição da linguagem, a imitação torna-se, além de visual, fundamentalmente sonora. No artigo sobre o desenvolvimento da linguagem na primeira infância de Oliveira e col. (2016), a linguagem não-verbal predominou nas observações das crianças de um ano, período

de desenvolvimento do andar, ao apresentar uma comunicação baseada em gestos e olhares. Nos grupos de dois e três anos a linguagem verbal apareceu com maior frequência, ao apresentar uma fala espontânea.

Em seu artigo sobre a constituição da linguagem entre os e dos bebês, Castro (2013, p. 15) afirma que “é na relação e pela interação social que a linguagem se constitui e, com isso, todos os atos que se instituem no contexto social constituem o sujeito como homem de cultura e de linguagem”. Os processos interativos dos bebês promovem a constituição da linguagem, expressam sentimentos, emoções e idéias; a partir do ato de ver e ouvir, que são situações complexas em seu contexto de desenvolvimento, há a exigência de uma “inteligibilidade ativa dos bebês”.

Conforme a idade avança, o número de palavras e frases aumenta proporcionalmente entre os grupos do primeiro e do segundo ano de vida. Qualitativamente também há uma diferença, pois os grupos de crianças observados de 1, 2 e 3 anos de idade apresentaram crescentemente frases com artigos, verbos, pronomes e preposições (OLIVEIRA, BRAZ-AQUINO, SALOMÃO, 2016). Portanto, quanto maior as possibilidades de percepção e interação, melhor se desenvolve a linguagem.

No artigo de Coutinho (2013) sobre as relações sociais dos bebês na creche, percebeu-se que as crianças bem pequenas agem movidas por um comportamento visado, mobilizado a partir do outro e que em muitas situações o sentido desse comportamento é partilhado por um grupo estendido de crianças, o que caracteriza a existência de relações sociais. Essas relações sociais têm como característica a escolha por afinidades sutis e a utilização do olhar e do corpo como forma de mobilização e relação com o outro.

A linguagem é uma criação social que exprime a personalidade da criança e permite que ela entenda o outro e se dirija a ele. “A linguagem constrói as pontes verbais através dos quais posso alcançar o outro eu” (KÖNIG, 2011, p.33). Inicialmente para adquirir a posição ereta, a criança teve que separar ela mesma do mundo; por meio da aquisição da língua materna, a criança reconquista o mundo.

PENSAR PARA SER

A base do pensar se fundamenta no andar e falar, o processo de desenvolvimento motor traz ordem aos sons descontrolados da criança. Quando os sons conseguem ser controlados, a criança pode treinar a língua materna por imitação e necessita da interação social para que ela possa praticar este exercício. O desenvolvimento da fala, em meio de comunicação, estrutura as forças vitais do cérebro, transformando-o num órgão do pensar, que percebe, interpreta e se relaciona com o outro e o mundo.

É no terceiro ano de vida que as crianças começam a pensar por si, porém este processo inicia-se por volta dos 18 meses, quando a criança desenvolve o sentido do pensamento ou do significado. O primeiro despertar deste sentido pode ser observado quando você aponta para algo e a criança olha para a direção em que você apontou e não para sua mão. Ele serve como uma moldura para os conceitos que vivenciamos no mundo (SCHOOREL, 2013).

A base deste sentido está em como se percebe a realidade, seja um gesto, uma palavra ou um objeto de arte. A partir da percepção correta se consegue entender com mais propriedade, pois, “quando o sentido do pensamento fica confuso, ativa-se a fantasia. Então nós deixamos o campo da percepção sensorial” (SCHOOREL, 2013, p. 191). Uma linguagem rica e diferenciada apropriada a capacidade de perceber os gestos e as imagens que se vê, os sons que se ouve e os objetos que se toca, de acordo com o ambiente de criação. É só posterior à linguagem, que pensamentos e conceitos podem ser expressos.

A consciência nebulosa da criança vai se tornando mais clara e seus movimentos mais familiares, a partir do momento em que sua percepção começa a separar as impressões do ambiente, das sensações do próprio corpo, como ser individual, ao aprender a andar. Posteriormente, através da linguagem, a criança entra em contato e conversa com ela mesma, pois grande parte de sua fala é a conversa que mantém em seu pensar. O falar só se torna consciente depois de tornar-se falado. O pensar atua na consciência desperta e o falar infantil, na consciência onírica, na semiconsciência, entre o sonho e o despertar, ambos guiados pelo Eu, como individualidade (KÖNIG, 2011).

O sentido do pensamento não percebe nossa constituição individual e reconhecê-la é um pré-requisito para o funcionamento deste sentido. O sentido vital, fluxo natural da vida, é utilizado como ponto de referência para a percepção desta constituição. “Quando escutamos outra pessoa falar, esse campo de referência precisa estar silencioso e não tentar falar por si mesmo, ele deve ser uma caixa de ressonância para os pensamentos que a outra pessoa está expressando” (SCHOOREL, 2013, p. 193). Ao escutar, renuncia-se ao seu próprio som e linguagem para que se possa ouvir o que o outro está dizendo. Com esta constituição quieta e silenciosa permite-se que outra pessoa se expresse nela.

Quando o impulso da fala é ativado, não se encontra a referência para a escuta, não se consegue mais ouvir o que a outra pessoa está dizendo, pois a entidade interior fala simultaneamente sua própria linguagem. O manto da linguagem reveste a base do pensar e é possível que as crianças formem uma frase com sentido por mera imitação e não necessariamente tenham expressado aquilo que sentem no momento. Isso ocorre em crianças pequenas, bem como em alguns adultos até o momento que aprendem a escutar para verdadeiramente entender a expressão do outro (SCHOOREL, 2013).

Depois que a criança conquista o andar, habilita-se ao desenvolvimento da fala; após a aquisição da fala por imitação, repetindo os sons que ouve, habilita-se a escutar para interpretar e compartilhar com os outros e com o mundo, suas vivências cada vez mais intensas e profundas com a sua intimidade. Interpretar para compartilhar é o princípio do pensar que se torna mais consciente na puberdade, com a intensa produção hormonal, possibilitando a autonomia de sua personalidade, que opina por si, que julga, que faz escolhas e experiencia sua inteligência.

O primeiro passo no desenvolvimento cognitivo ocorre entre os dois e os quatro anos quando as crianças espontaneamente começam a dar nomes aos objetos, aos animais, às pessoas. Se a criança vir o arroz apenas em pacotes e o suco de uva apenas no supermercado, pode concluir que o arroz nasce nas embalagens e o suco de uva é preparado dentro da loja. Isto caracteriza um pensamento próprio da criança, indica que não estão no processo de imitação e nem na reprodução do que lhe foi ensinado (SCHOOREL, 2013).

A criança pequena aprende por imitação, “a própria maneira de falar e de pensar da criança baseia-se na imitação” (LANZ, 2003, p.42). Assim, é importante que adultos expressem corretamente sua língua materna, não utilizem abreviações e nem imitem a maneira de uma criança falar, pois deste modo, ela perde a referência da fala correta. A criança, inconscientemente, imita as maneiras dos adultos ao sentar-se a mesa, os gestos mais enfáticos e quer fazer as mesmas atividades que seus pais como lavar a louça, a roupa e o carro. Assim como, se um adulto mentir na sua frente ela também é capaz de reproduzir, porém, jamais faria isso espontaneamente, pois é incapaz de fingir ou dizer uma mentira (LANZ, 2003).

Neste período de desenvolvimento do pensar, a criança começa a interpretar as situações que acontecem em torno dela, inicia as comparações entre as experiências que a vida lhe proporciona e as experiências consigo mesma, descobrindo a ponte que este pensamento constrói entre ela e o mundo (SCHOOREL, 2013). Esta vivência desperta na criança a noção de tempo, pouco a pouco ela consegue identificar as experiências do passado, do futuro e aprender a estar cada vez mais no presente. Esforça-se para compreender “se hoje é amanhã ou ontem é hoje”, busca o lugar certo, uma localização no espaço (KÖNIG, 2011, p.48).

Desta maneira, criando as primeiras noções cronológicas, a criança desenvolve a memória; pode *perceber* os rostos familiares, que dão a “impressão de já conhecer” (KÖNIG, 2011, p.54), por exemplo, o rosto de sua mãe; consegue se lembrar das palavras recém-aprendidas de forma *rítmica* através da repetição; e, por meio das lembranças associadas, consegue identificar os lugares que trazem alegria ou medo de acordo com as situações vivenciadas (KÖNIG, 2011).

Schoorel (2013, p. 227) destaca que “um passo decisivo acontece quando as crianças passam do *re-pensar* ao *pré-pensar*”. Muitas vezes por dia, tanto crianças como adultos reproduzem pensamentos dos outros, deixam de ter pensamentos originais para reproduzi-los. As crianças alcançam o pensar criativo por meio da sua imaginação para enfrentar uma situação. O pensar verdadeiro se estabelece quando ela reflete e age de forma diferente (SCHOOREL, 2013).

Por volta dos três anos manifesta-se pela primeira vez a consciência do “eu”. A criança percebe que de fato existe e por isso passa a negar tudo aquilo que vem de fora. Quando as birras começam, a criança está exercitando sua capacidade em dizer “não” para o mundo, e “sim” para si mesma. Quando ela se der conta de que continua existindo, independente de opor-se ao ambiente externo, essa fase negativa cessa e desabrocha sua vida emocional (KÖNIG, 2011).

Como órgão perceptivo e por estar despertando seus sentidos, sem nenhuma proteção, aberta e entregue, a criança, inconscientemente, absorve tudo aquilo que permeia seu ambiente, desde estrutura física até estados emocionais e personalidades das pessoas que estão ao seu redor (LANZ, 2003). Um ambiente de fumantes, uma discussão entre os pais, as irradiações de uma televisão, de um celular, a claridade excessiva ou um ambiente de rivalidade podem penetrar na estrutura somática mais sutil, e, assim, gerar mais tarde distúrbios fisiológicos de determinados órgãos ou déficits mentais.

Assim como as impressões de um ambiente ruim e agressivo pode levar a criança a esconder-se de si mesma e do mundo, um lugar repleto de carinho, aconchego, calor, alimento, confiança e limites possibilita o desenvolvimento de suas capacidades, por meio do estímulo à criatividade (KÖNIG, 2011). Contos de

fadas animam sua imaginação e brinquedos simples de materiais naturais como pedaços de madeira, lã, conchas, plantas, areia despertam a sensorialidade e cedem lugar à fantasia.

Pensar para ser um ser ereto, ouvinte e atuante.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A trimembração antroposófica conceitua o pensar como consequência do desenvolvimento do andar e o falar e os artigos publicados que foram selecionados sustentam a influência do espaço físico para o andar e da interação social para o falar. O frescor desse estudo se revela no reconhecimento da importância de se olhar para a forma simples e saudável que se vivia no passado, ao praticar para desenvolver o pensar: a observação, o silêncio da escuta e a busca pelos sentidos. Nos dias atuais, em que os prazos e as informações estão em ritmos acelerados, tais características não nos são mais dadas passivamente; mas necessitam ser conquistadas e promovidas de forma ativa e consciente.

Este artigo ressaltou as etapas pelas quais as crianças são desafiadas para afirmação de sua individualidade e despertou os cuidados necessários em cada fase do desenvolvimento infantil para que através deste olhar, nós adultos, possamos estar mais conscientes de nossa influência como pais, educadores e cuidadores, buscando expandir a visão de nossas crenças culturais e nossos paradigmas sociais, ao conduzir e despertar na criança, o sentido de que o mundo é bom.

É fundamental trabalhar para que rótulos, agressões ou induções ao medo não rompam e nem limitem a conexão da criança com o fluxo natural da vida, no intuito de criar um ambiente que a aceita da forma que ela é e possibilita o desenvolvimento de suas habilidades inatas, da sabedoria de sua natureza e das faculdades mais belas de sua individualidade, aprendendo seus limites dentro da pedagogia do amor.

O adulto que observa o fluxo natural de uma criança pequena, vivencia um momento de encanto, prazer e alegria, dentro da espontaneidade infantil, no encontro com a criança interior. Cria-se um ambiente onde é possível dissolver suas limitações, enxergar o novo, nutrir a criatividade e permitir que na força do riso, possa fortalecer sua confiança e entrega ao mundo.

Sugere-se para pesquisas futuras, um maior aprofundamento na relação entre acontecimentos no desenvolvimento da primeira infância, do zero aos três anos, e suas consequências na vida adulta, observando como a natureza desenvolve suas funções consideradas “normais” para que, a partir desta referência, seja possível identificar se determinados comportamentos e reações do corpo, são patologias ou fazem parte do desenvolvimento peculiar do indivíduo.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, C.S.; VALENTINI, N.C. Contexto dos berçários e um programa de intervenção no desenvolvimento de bebês. *Motricidade* Vol.9, n. 4, p. 22-32, 2013.
- BLANCO, G. Os quatro reinos da natureza. São Paulo: ABMA, 1997.
- BURKHARD, G. Tomar a vida nas próprias mãos: como trabalhar na própria biografia o conhecimento das leis gerais do desenvolvimento. 4ª edição. São Paulo: Antroposófica, 2010.
- CASTRO, J. A Constituição da Linguagem entre os e dos bebês no espaço coletivo da Educação Infantil. 36ª Reunião Nacional da Anped. Goiânia, 2013.
- CLOUDER, C.; NICOL, J. Brincadeiras criativas para o seu bebê. Tradução Elvira Serapicos. São Paulo: Publifolha, 2008.
- COUTINHO, A. As Relações Sociais dos bebês na creche: um estudo numa perspectiva sociológica. 36ª Reunião Nacional da Anped. Goiânia, 2013.
- GIORDANI, L.; ALMEIDA, C.; PACHECO, A. Avaliação das oportunidades de desenvolvimento motor na habitação familiar de crianças entre 18 e 42 meses. *Motricidade* Vol.9, n. 3, p. 96-104, 2013.
- KÖNIG, K. Os três primeiros anos da criança: a conquista do andar, do falar e do pensar. São Paulo: Antroposófica, 2011.
- LANZ, R. A pedagogia Waldorf: caminho para um ensino mais humano. 8ª edição. São Paulo: Antroposófica, 2003.
- LANZ, R. Noções básicas de antroposofia. 8ª edição. São Paulo: Antroposófica, 2007.
- LIEVEGOED, B. Desvendando o crescimento: as fases evolutivas da infância e da adolescência. São Paulo: Antroposofica, 2002.

- LIMA, A. K.; LIMA, A. Perfil do desenvolvimento neuropsicomotor e aspectos familiares de crianças institucionalizadas na cidade do Recife. *Revista CES Psicología* Vol. 5, n. 1, p. 11-25, 2012.
- LOPEZ, F. (Org.). *Filhos: da gravidez aos 2 anos de idade, dos pediatras da Sociedade Brasileira de Pediatria para os pais*. Barueri: Manole, 2010.
- LÜDKE, M.; ANDRÉ, M. *Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 2011.
- MCALLEN, A. *Método Extra Lesson: Recursos Especiais em Pedagogia Waldorf. Volume I – Fundamentos*. São Paulo: Antroposófica, 2005.
- OLIVEIRA, K.; BRAZ-AQUINO, F.; SALOMÃO, N. Desenvolvimento da linguagem na primeira infância e estilos linguísticos dos educadores. *Avances en Psicología Latino americana* Vol. 34, n. 3, p. 457-472, 2016.
- PEDROSA, C.; CAÇOLA, P.; CARVALHAL, M. Fatores preditores do perfil sensorial de lactentes dos 4 aos 18 meses de idade. *Revista Paulista de Pediatria* Vol. 33, n. 2, p. 160-166, 2015.
- SCHOOREL, E. *Os primeiros sete anos*. Tradução: Joana Falavina; Sonia Setzer. São Paulo: Antroposófica, Federação das Escolas Waldorf no Brasil (FEWB), 2013.
- SOUZA, S. *O estudante (in)visível na queixa escolar visível: um estudo sobre a constituição do sujeito na trajetória escolar*. Tese de doutorado pela Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.
- STEINER, R. *Minha Vida: a Narrativa Autobiográfica do Fundador da Antroposofia*. São Paulo: Editora Antroposófica, 2000.